

NEOLOGIA NA FORMAÇÃO DO LATIM

Christiane Lima da Camara Monteiro – UERJ

RESUMO:

Embora a expressão ‘neologismo’ nos dê a impressão de uma palavra exótica, que causa uma certa estranheza ao usuário da língua, ela, na verdade, refere-se a qualquer palavra recém-criada que entra em uso num idioma. Toda língua, em seu estágio inicial, é simples, rudimentar e refere-se, principalmente, ao concreto. Conforme a sociedade vai-se aprimorando e tornando-se complexa, também a língua usada por essa sociedade vai-se aprimorando, refinando, atendendo às necessidades de seus falantes. Com o latim não foi diferente. Para se transformar numa língua capaz de expressar a grandeza da civilização romana, o latim teve que, dentre outros processos, ampliar seu léxico, criando novas palavras. E é esse processo de produtividade lexical que este trabalho se propõe a observar, ainda que superficialmente.

Palavras-chave: neologismos – língua em formação – latim

Introdução

Roma foi, sem dúvida alguma, um farol de cultura e civilização a iluminar todo o Ocidente antigo, por mais de cinco séculos. Nomes como César, Augusto e Trajano fazem-nos lembrar da glória de Roma, do grande império, com sua força, sua civilização e sua língua irresistíveis.

Quando pensamos na língua latina, vêm-nos à mente os discursos de Cícero, as obras de Virgílio, Ovídio e tantos outros mestres da palavra.

O brilho do Império Romano é, no entanto, tão intenso, que faz-nos esquecer de que ninguém nasce grande e forte. A língua latina dos grandes autores clássicos dá-nos a impressão de já ter nascido pronta. Sabemos que ela é a ‘mãe’ das línguas românicas e, por isso, talvez não nos ocorra que essa origem grandiosa também teve um começo, também passou por um processo de séculos a fio, até transformar-se na língua de Cícero e de César. Assim como Roma teve um berço humilde, também sua gloriosa língua teve um início rude e singelo.

Para se transformar numa língua capaz de expressar a grandeza da civilização romana, o latim teve que, dentre outros processos, ampliar seu léxico, criando novas palavras, valendo-se de processos que utilizamos ainda hoje¹. Este trabalho tem, portanto, o objetivo de observar, ainda que de forma bastante superficial, a neologia na formação e no desenvolvimento da língua latina.

1-A Formação do Latim

A língua é, de modo geral, um reflexo da sociedade que faz uso dela.

Assim também foi o latim. Sabe-se que Roma foi fundada por volta do século VIII a.C. e que, nessa época, não passava de uma aldeia de pastores.

A língua falada por essa gente rude era simples e concreta, como o são as línguas de comunidades pequenas, em estágio inicial de desenvolvimento. A tecnologia, as construções, as relações sociais etc. eram bastante básicas e, portanto, não requeriam muita sofisticação linguística para nomeá-las e expressá-las.

Com a chegada dos etruscos ao Lácio, em meados do século VII a.C., a rudimentar aldeia de pastores conheceu a civilização:

Apenas chegados [à Toscana], os etruscos iniciam uma obra civilizadora: devastam as matas, regularizam o curso dos rios, dessecam os pântanos, constroem aquedutos e esgotos, movimentam os portos, provocando, assim, um admirável florescimento da indústria, da agricultura e do comércio. Essa prosperidade econômica aliada à força militar leva à conquista do resto da península [Itálica]. (GIORDANI, s/d: 19)

A “obra civilizadora” levada a Roma pelos etruscos² transformou a pequena aldeia em uma grande cidade. Essa transformação teve, obviamente, consequências linguísticas, pois as novas realidades precisavam ser nomeadas e expressadas. Uma única inovação já era suficiente para a criação de inúmeras palavras. Um incremento na agricultura, por exemplo, suscitaria novas palavras para nomear instrumentos, técnicas, novos espécimes vegetais a serem plantados etc.

Ainda que não haja registros, pode-se afirmar que a língua latina, na fase da dominação etrusca do Lácio, alargou consideravelmente seu léxico. A enorme quantidade de inovações levadas pelos etruscos forçou a língua latina a se adaptar às novas realidades. Dessa forma, língua e sociedade caminharam juntas, uma servindo à outra.

Em 509 A.C., porém, os romanos expulsam os etruscos e instauram a República. A partir de então começa a inexorável expansão de Roma – e de sua língua.

1.1- ‘Língua pobre’ / ‘língua rica’

Os conceitos de ‘língua rica’ (complexa e refinada) e de ‘língua pobre’ (simples e extremamente concreta) já não são mais aceitos hoje em dia. Como já dissemos, a língua é o reflexo da sociedade que dela faz uso. Uma sociedade simples faz uso de uma língua simples, uma sociedade complexa faz uso de uma língua complexa, mas a língua sempre atende às necessidades

de seus falantes. Quando uma sociedade adquire maior grau de complexidade, como aconteceu à civilização romana, a língua se adéqua a essa complexidade.

Embora os conceitos de língua rica ou pobre não sejam mais aceitos, não se pode negar que há línguas cuja estrutura (e também o léxico) permite a manifestação de pensamentos mais complexos e elaborados e de uma expressão literária dita ‘mais elevada’:

Com o domínio das cidades gregas do sul da Itália, os Romanos entram em contato com uma civilização muito superior que vai exercer uma influência extraordinária na vida romana: a civilização grega. Começam a afluir a Roma mais escravos de guerra, alguns muito cultos. Um deles foi Lívio Andronico, trazido de Tarento cerca do ano 272 a. C., que foi preceptor dos filhos dum senador [...]. Lívio Andronico traduziu a Odisseia, obra que ainda era estudada nas escolas ao tempo de Horácio. (SOARES, 1999: 211)

Ora, se a civilização grega era muito superior à latina, também a língua grega se prestava a propósitos mais amplos, digamos, do que a latina. O contato com os gregos, como diz Soares, exerceu “uma influência extraordinária na vida romana”. Sabemos o quanto a filosofia, a religião e as artes gregas influenciaram a civilização romana e, como língua e sociedade andam juntas, o latim, após esse contato, foi-se tornando capaz de expressar novas realidades – concretas ou abstratas – mais elaboradas, refinadas e complexas.

Muitas obras gregas passaram a ser traduzidas para o latim. Dispondo de menos recursos que o grego, o latim teve que adaptar-se para expressar o conteúdo daquelas obras, importando palavras, expressões, estruturas linguísticas etc. da língua original.

Não é por acaso que a literatura latina floresce no século III a.C., justamente quando do contato entre romanos e gregos.

2- Processos de Formação de Palavras

Os processos de formação de palavras são, em latim, os mesmos que em português. Sendo assim, transcrevemos abaixo parte do tópico *Renovação do léxico: criação de palavras*, retirado da *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara:

As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e

de comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se neologismos [...];

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante a utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a composição e a derivação (prefixal e sufixal).

Outra fonte de revitalização lexical são os empréstimos e calcos linguísticos, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar. (BECHARA, 2005:351)

Quanto à sua formação, as palavras latinas podem ser: **primitivas** – quando formadas diretamente de um radical – ex.: **facio**; **derivadas** – quando formadas de palavra primitiva acrescida de sufixos – ex.: **facilis** (**fac** + **ilis**); **compostas** – quando formadas de mais de um radical – ex.: **beneficium** (**bene** + **fic**³ + **ium**).

2.1- Derivação

O principal processo de formação de palavras é a derivação que, segundo Bechara, pode ser prefixal ou sufixal⁴. Por derivação podem-se formar: **substantivos** – a partir de verbos, de advérbios ou de outros substantivos; **adjetivos** – a partir de verbos, de substantivos ou de outros adjetivos; **verbos** – a partir de substantivos, de adjetivos ou de outros verbos; e **advérbios** – a partir de substantivos, de adjetivos, de verbos ou de outros advérbios.

No processo de derivação podem ocorrer alterações na vogal do radical dos verbos simples, como em **capio**, **accipio**, **acceptus**. Os prefixos, na maior parte preposições, também podem apresentar variantes conforme a letra inicial da palavra a que eles se antepõem.

A- Principais prefixos:

a) afastamento, separação:

a-, **ab-**: **avertēre** (voltar de uma para outra parte), **abesse** (estar ausente), **abstinere** (abster-se), **auferre** (tirar)

b) aproximação:

ad-: **adesse** (estar presente)

c) movimento em volta de:

am(b)-: **ambire** (andar em volta de, cercar), **amplexus** (abraço)

d) companhia, ação completamente realizada

cum-: **collega** (companheiro), **concoquere** (cozer completamente)

e) movimento de cima para baixo, separação, intensidade:

de-: **descendere** (descer), **demens** (insensato), **devinco** (venço completamente)

f) dispersão, negação, intensidade:

dis-: **disponere** (pôr em diferentes lugares, dispor), **dirimere** (separar), **difficilis** (difícil), **dilaudare** (louvar muito, sob todos os aspectos)

g) movimento de dentro para fora, intensidade:

e-, **ex-**: **exire** (sair), **edocere** (instruir completamente)

h) movimento para dentro de, lugar onde (sem movimento), intensidade:

in-: **induco** (levo para dentro de), **impono** (coloco sobre), **irrupere** (entrar com ímpeto)

i) negação:

in-, **ne-**, **ve-**: **inimicus** (inimigo), **nefastus** (nefasto, sacrílego), **negotium** (negócio – negação do ócio), **vesanus** (louco)

j) oposição:

ob-: **occurro** (corro ao encontro de), **oppono** (coloco diante de)

l) movimento através de, ação completamente realizada:

per-: **percurrere** (percorrer), **perficere** (realizar completamente - superlativo), **perfacilis** (muito fácil)

m) anterioridade:

prae-: **praesesse** (estar à frente de – superlativo), **praeclarus** (muito ilustre, o mais ilustre)

n) diante, para diante, anterioridade, favor, equivalência:

pro-: **proicere** (lançar para diante), **proavi** (os antepassados), **prosum** (sou útil a), **proconsul** (procônsul)

o) repetição, movimento para trás:

re-: **renovare** (renovar), **redire** (voltar)

p) separação:

se-: **secedere** (afastar-se)

q) sob, movimento para baixo de:

sub-: *subesse* (estar sob), *submittere* (submeter)

B- Sufixos formadores de substantivos:

a) agente:

-tor, -sor, -trix: *navigator* (navegador), *cursor* (corredor), *victrix* (vencedora)

b) ação ou resultado dela:

-or, -io (-sio, -tio), -sura, -tura: *timor* (temor), *obsidio* (cerco), *defensio* (defesa) *contemptio* (desprezo), *censura* (exame), *cultura* (cultura)

-ium, -men, -sus, -tus: *desiderium* (desejo), *certamen* (luta), *cursus* (corrida), *adventus* (chegada)

c) qualidade ou estado:

-tas (-itas, -etas), -ia, -itia, -tudo, -tus: *libertas* (liberdade), *dignitas* (dignidade), *pietas* (piedade), *inertia* (inércia), *laetitia* (alegria), *magnitudo* (grandeza), *iuventus* (juventude)

d) diminutivos:

-lus (-olus, -a, -um; -ulus, -a, -um; -culus -a, -um; -ellus, -a, -um): *rivulus* (riacho), *filliolus* (filhinho), *hortulus* (jardinzinho), *fraterculus* (irmãozinho), *capella* (cabrinha)

c) patronímicos (gregos):

-ides ou -ides, -ades, -is (fem.): *Atrides* (descendente de Atreu), *Priamides* (descendente de Príamo), *Aeneades* (descendente de Aeneas), *Nereis* (filha de Nereu)

C- Sufixos formadores de adjetivos:

a) matéria:

-eus, -aceus, -neus: *aureus* (de ouro), *rosaceus* (de rosa), *eburneus* (de marfim)

b) origem, nacionalidade:

-ius, -icus, -nus (-inus, -anus), -ensis, -ster: *Lacedaemonius* (lacedemônio), *Italicus* (da Itália), *paternus* (paterno), *divinus* (divino), *romanus* (romano), *Carthaginensis* (cartaginês), *campester* (campestre)

c) tempo:

-ernus, -urnus, -tinus ou -tinus: *aeternus* (eterno), *diurnus* (diurno), *pristinus* (antigo), *vespertinus* (da tarde)

d) possibilidade:

-lis (-ilis, -bilis): *facilis* (fácil – que pode ser feito), *agilis* (ágil), *credibilis* (crível)

e) propensão, aptidão, plenitude, natureza:

-ax, -ox, -cundus, -bundus, -dus, -osus, -olentus ou -ulentus, -ulus:

audax (audaz), *ferox* (feroz), *facundus* (eloquente), *meditabundus* (meditabundo), *avidus* (ávido), *formosus* (formoso), *violentus* (violento), *opulentus* (opulento), *credulus* (crédulo)

f) relação (que é próprio de ou relativo a):

-alis (-elis, -ilis, -ulis), -icus, -arius, -ivus: *mortalis* (mortal), *fidelis* (fiel), *civilis* (civil), *curulis* (curul), *belicus* (bélico), *agrarius* (relativo ao campo), *aestivus* (do estio)

D- Sufixos formadores de verbos:

a) incoativos (indicam começo de ação):

-sco (-esco, -isco): *silesco* (< *sileo*) – torno-me silencioso, *obmutesco* (< *mutus*) – torno-me mudo, *ingemisco* (< *engemo*) – ponho-me a gemer

b) frequentativos (repetição ou intensidade):

-to (-ito), -so: *canto* (< *cano*) – canto, *clamo* (< *clamo*) grito muitas vezes, *verso* (< *verto*) – volto muitas vezes

c) desiderativos (desejo):

-sso (-esso, -isso), -urio: *cesso* (< *cedo*) – cessar, *capesso* (< *capio*) – procuro tomar, *esurio* (< *edo*) – tenho vontade de comer

d) diminutivo:

-illo: *cantillo* (< *canto*) – canto em voz baixa

E- Sufixos formadores de advérbios:

a) derivados de substantivos:

-tim, -itus (modo): *tributum* (< *tribu*) – por tribos, *funditus* (< *fundus*) – desde os alicerces

-u (tempo): *noctu* (< *nox*) – de noite, *diu* (< *dies*) – de dia

b) derivados de adjetivos (modo):

-e, -o, -ter: *improbe* (< *improbus*) – provavelmente, *certe* (< *certus*) – ao menos ou certo (< *certus*) – certamente, *graviter* (< *gravis*) – gravemente

2.2- Composição

As palavras compostas são formadas pela união de duas ou mais palavras simples: *causidicus* (*causa* + *dicere*) – ‘aquele que, falando, defende uma causa’, defensor, advogado; *magnanimus* (*magnus* + *animus*) – ‘que tem um grande espírito’, nobre, generoso; *træmotus* (*terræ* + *motus*) – tremor de terra; *aquæductus* (*aqua* + *ductus* [< *ducere*]) – ‘que conduz a água’, aqueduto; *calefacere* (*calor* + *facere*) – ‘fazer/proporcionar calor’, aquecer.

2.3- Neologismos semânticos

Os neologismos semânticos ocorrem quando uma palavra, já existente na língua, muda de significado ou o amplia, quase sempre por analogia. O verbo *sapere* (saber), por exemplo, originalmente significava ‘*ter sabor, ter bom paladar, ter cheiro*’, posteriormente seu sentido se ampliou para ‘*sentir por meio do gosto*’ e, daí, esse sentido mais concreto ampliou-se para o sentido figurado de ‘*conhecer, ter inteligência, compreender, saber*’ – sentidos esses depreendidos do fato de que aquele que sentiu o gosto provou, teve experiência, portanto **conhece, sabe**.

Esse tipo de neologismo é tão comum que às vezes nem nos damos conta dele. A metáfora (analogia) é a maior responsável por esse tipo de alteração/ampliação de sentido. No item 3.2 daremos mais exemplos de neologismos semânticos no latim.

2.4- Empréstimos e calcos linguísticos

A língua latina incorporou ao seu léxico diversas palavras estrangeiras, desde tempos remotos, tanto dos etruscos, que os dominaram, quanto dos diversos povos que os romanos conquistaram (os chamados **substratos**⁵).

Um exemplo de substrato é a palavra *carro* – empréstimo feito à língua dos gauleses – e que se espalhou por toda a România. Mas, seguramente, a língua que mais contribuiu para o enriquecimento do léxico latino foi a grega. *Pharmacia* (< *pharmakeía*), *poeta* (< *poietés*), *archivum* (< *arkheion*), *philosophia* (< *philosophía*) são exemplos de palavras gregas incorporadas à língua latina.

Como exemplo de calco linguístico (decalque), no latim, citamos a palavra *companiono* (companheiro), que é um decalque do germânico *gahlaiba*, de *ga* ‘com’ + *hlaiba* ‘pão’ (Cf. HOUAISS, 2001).

3- Enriquecimento Lexical do Latim

É curiosa a forma como as palavras são criadas. Talvez nós, homens modernos, tenhamos esquecido o valor do radical das palavras – que dá a ela o seu significado, ou seja, que a remete ao mundo biossocial que nos cerca.

De certa forma, podemos comparar nossa relação com os radicais das palavras à nossa relação com o dinheiro. Quando foram criadas, as moedas de metal tinham um valor real, ou seja, valiam o peso do metal do qual eram fabricadas. As moedas de ouro, portanto, valiam mais do que as de prata, que valiam mais do que as de cobre etc. A invenção da moeda, como todos sabem, foi um grande avanço para a humanidade. Não mais era necessário carregar mercadorias para trocar pelos produtos de que se tinha

necessidade, bastava carregar uma bolsa de moedas.

Assim também aconteceu com as palavras. Não precisamos apontar para cada coisa sobre a qual queremos falar, pois as palavras, até certo ponto, têm o valor das coisas, elas as representam. O radical contém a carga semântica (o metal da moeda), que dá o seu valor, e este é regulado pelo peso da moeda (os elementos, ou morfemas, gramaticais).

Com o passar do tempo, no entanto, o propósito do elemento constituinte da moeda (o metal do qual ela era feita) foi caindo no esquecimento e a moeda em si, independente do material de que era fabricada, passou a representar o ‘valor de troca’. Então, hoje em dia, uma nota de cem reais *representa* esse valor, mas não o possui, em si mesma. Em outras palavras, o papel e as tintas que são usados para a fabricação da nota de cem reais perfazem um custo total de alguns centavos, mas a nota de cem reais tem o poder de compra de *cem reais* – a nota não *vale* cem reais, mas *representa* esse valor.

O valor do dinheiro passou a ser virtual. O valor das palavras (e, principalmente, o dos radicais), de certa maneira, também tornou-se virtual. É o que acontece, por exemplo, com a palavra *embarcar*, na frase ‘*Os passageiros do voo 17 devem embarcar em 5 minutos*’. *Embarcar* divide-se, morfológicamente, em *em* (< *in* – preposição que indica ‘movimento para dentro’) + *barc* (< *barco* – radical da palavra) + *ar* (terminação de infinitivo verbal da 1ª conjugação). Juntando todas as partes, o *valor* de *embarcar* é ‘ação de entrar em um barco’, mas esse valor primitivo esvaziou-se e a palavra passou a *representar* ‘entrar em um veículo qualquer’, ou seja, ela adquiriu um valor virtual.

Esse ‘esquecimento’ do valor dos radicais pode trazer algumas confusões, como dificuldade de interpretar o verdadeiro significado da palavra, não percepção da relação de uma palavra com sua família de cognatas, uma certa dificuldade de criar determinados tipos de palavras. Talvez por isso, recorra-se, de modo geral, para nomear inventos da modernidade, aos radicais gregos e latinos, que são devidamente elencados e traduzidos em qualquer boa gramática (vide *telégrafo, telefone, computador* etc.).

Como consequência desse esquecimento do significado dos radicais, temos palavras cujo significado é transparente, como *quebra-nozes* ou *espanador*, e outras cujo valor tornou-se obscuro e (para o falante comum) irrecuperável, como *salada*, cujo significado original é o que a própria palavra sugere: ‘*temperada com sal*’ (o costume é temperar com sal as folhas da *salada*) ou a já citada *companheiro*, cujo sentido original era algo como ‘aquele com quem se divide o pão’ (ver item 2.4).

De volta ao latim, em meio à expansão da língua, o sentido dos radicais ainda era claro (ou não se poderiam criar palavras a partir deles).

Como veremos em 3.1, acontecia de serem criadas várias palavras com o mesmo significado. Muitas dessas palavras, sinônimas à época de sua criação, ganharam significados distintos ao longo do tempo (vide as línguas românicas, herdeiras do latim). Essa especialização de significado de uma palavra sinônima é uma forma de economia linguística.

Na formação de palavras, a matriz costuma ser um verbo ou um substantivo, aos quais acrescentam-se afixos ou outros radicais para criar novos sentidos. Assim, a partir do verbo *tondĕre* (tosquiar, cortar), por exemplo, foram criadas, dentre outras palavras: *tonsilis* (*adj.* – que pode ser tosquiado; tosquiado), *tonso* (*subst.* – ação de tosquiar; tosquia [de ovelhas]), *tonsitare* (*verbo* – frequentativo de *tondĕre* – tosquiar a miúdo), *tonsor* (*subst.* – tosquiador, barbeiro⁶), *tonstrix* (*subst.* – mulher que faz a barba, barbeira), *tonstricula* (*subst.* – dim. de *tonstrix*), *tonsurā* (*subst.* – ação de tosquiar [ovelhas], ação de cortar o cabelo⁷).

Do substantivo *pax* (paz) formaram-se, dentre outras palavras: *pacare* (*verbo* – pacificar), *pacificare* [de *pax* + *facio*] (*verbo* – tratar da paz, fazer as pazes, aplacar, aliviar), *pacificari* (*verbo depoente*⁸ – fazer as pazes), *pacalis* (*adj.* – que anuncia a paz, pacífico), *pacate* (*adv.* – tranquilamente, pacificamente), *pacator* (*subst.* – pacificador), *pacatorius* [de *pacator*] (*adj.* – que traz a paz), *pacatum* (*subst.* – país que está em paz), *pacatus* [de *pacare*] (*adj.* – que está em paz, tranquilo, pacífico), *pacifer* [de *pax* + *ferre*] (que traz a paz), *pacifica* (*subst. neutro plural* – vítimas pacíficas), *pacifice* (*adv.* – em paz).

Embora não seja tão frequente, adjetivos e advérbios também podem ser matriz de novas palavras, como, por exemplo, *tristis* (triste, feio, desagradável, melancólico) do qual formaram-se, entre outras palavras: *triste* (*adv.* – tristemente, dificultosamente), *tristiculus* (*adj.* dim. de *tristis* – um tanto triste), *tristificare* [de *tristis* + *facere*] (*verbo* – entristecer, contristar), *tristificus* [de *tristis* + *facere*] (*adj.* – que entristece), *tristimonia* (*subst.* – tristeza), *tristitas* ou *tristitia* (*subst.* – tristeza, aspecto triste), *tristari* (*verbo* – entristecer-se, afligir-se).

Como exemplo de advérbio servindo de matriz para novas palavras, citamos *plus* (*adv.* – mais): *pluscule* (*adv.* – um pouco mais), *plusculum* (*subst.* – um pouco mais de, mais um quase nada de).

3.1- Produtividade lexical no latim

Selecionamos dois radicais latinos bastante produtivos. Sua produtividade deve-se à ampliação de seu(s) sentido(s), muitas vezes por meio da analogia:

a) **rap** – do verbo *rapĕre*

rapĕre – 1º Tomar precipitadamente, agarrar, arrebatado,

apoderar-se de; *fig.* Tomar, apanhar; percorrer rapidamente; 2º Levar por força, arrastar, arrebatado rapidamente; subtrair, livrar; *fig.* Arrebatado, arrastar; tirar, enamorar, prender, seduzir, enlevar, atrair; 3º Tirar rapidamente; 4º Tomar, rapinar, roubar; pilhar, saquear, devastar; *fig.* Tirar, subtrair; 5º Tirar a vida a, matar; perder; 6º Cravar, espetar; 7º Elevar, levantar, erguer; 8º Apertar, acelerar, apressar. (SARAIVA, 2006: 1000)

Alguns cognatos de *rapĕre*: *Rapacides* – “patronímico cômico (de *rapax*). PLAUT. Filho de ladrão, i.é, gatuno, ratoneiro, ladrão por natureza” (SARAIVA, 2006. p. 1000), *rapacitas* – inclinação ao roubo, *rapax* – que toma ou agarra rapidamente, rapace, ávido, *rapide* – rapidamente, *rapiditas* – rapidez, *rapidus* – rápido, *rapidulus* – dim. de *rapidus*, *rapina* – rapina, pilhagem, *rapinatio* – roubo, *rapinator* – ladrão, usurpador, *raptare* (frequentativo de *rapĕre*) – arrastar, arrebatado, *raptatus* – levado à força, arrastado, *raptim* – rapidamente, precipitadamente; às escondidas, *raptor* – ladrão, usurpador, *raptorius* – que serve para tomar, agarrar ou arrastar, *raptum* – roubo, *raptus* – tomado, arrebatado, roubado, subtraído, b) **put** – do verbo *putare*

putare – 1º Alimpar, tornar limpo; lavar (?); 2º Desramar, alimpar, desbastar, decotar, podar; 3º *Fig.* Fazer uma conta; contar; *fig.* Calcular, examinar, considerar, meditar; 4º Apreciar, avaliar, estimar, prezar; 5º Julgar, pensar, crer, imaginar. (SARAIVA, 2006: 983)

Alguns cognatos de *putare*: *Putā* – deusa da sabedoria, *putamĕn* – ramagem decotada, rebotalho, *putatio* – ação de cortar, poda; *putative* (*adv.*) – em imaginação, *putativus* – imaginário, *putator* – podador, *putatorius* – que serve para podar, *putatus* – podado, cortado em pedaços, *putus* – alimpado, purificado, puro, *putus* – rapazinho, *reputare* – computar, contar, meditar, considerar, *reputatio* – cálculo, conta, meditação, consideração, *imputare* – levar em conta, contar, atribuir, aplicar imputar, acusar de, *exputare* – podar, desbastar, *exputatio* – ação de podar, cálculo, computação, *disputare* – discutir, argumentar, raciocinar, sustentar com razões, *disputatus* – discutido, debatido, *disputatio* – cálculo, conta, disputa, discussão, *disputatiuncula* (dim. de *disputatio*) – pequena discussão, *disputator* – argumentador, o que raciocina, *disputatrix* (fem. de *disputator*) – a que argumenta, *computare* – calcular, contar, ajuntar, contar com, levar em conta, acrescentar a, *computabilis* – que se pode calcular, avaliar, *computatio* – cálculo, conta, *computator* – contador, computador, *computus* – cálculo, conta, *amputare*

– cortar, amputar, limpar, *amputatio* – ação de cortar, o corte, o objeto cortado, podado, *amputatorius* – que tem a propriedade de cortar, *amputatus* – separado, suprimido.

3.2- Cristianismos semânticos

Além da formação de palavras novas, um outro tipo de neologismo é aquele em que uma palavra já existente ganha um novo sentido – neologismo semântico. Uma fonte de vários desses neologismos foi o Cristianismo, que buscava criar um vocabulário próprio para a sua doutrina. A esses novos significados dá-se o nome de *cristianismos semânticos*.

Eis alguns exemplos:

Palavra latina	Significado original	Cristianismo semântico
<i>peccatum</i> (pecado)	tropeçar, dar um passo em falso, errar	<i>violação da Lei de Deus</i>
<i>dominus</i> (Senhor)	senhor, dono (de casa), proprietário, soberano	<i>O Senhor, Deus</i>
<i>ecclesia</i> (igreja) (gr. <i>ekklesia</i>)	assembleia popular ou soldados	<i>comunidade de cristãos; instituição religiosa cristã; templo religioso cristão</i>
<i>baptizare</i> (batizar) (gr. <i>baptizo</i>)	mergulhar, submergir	<i>ministrar o sacramento do batismo</i>
<i>angĕlus</i> (anjo) (g. <i>ànggelos</i>)	<i>ser de luz</i> , mensageiro	<i>mensageiro entre Deus e os homens</i>
<i>praedicare</i> (pregar)	proclamar, anunciar	<i>propagar uma doutrina, em voz alta falar com intenção de convencer de uma crença</i>
<i>salvatio</i> (salvação)	ação de salvar,	<i>redenção dos pecados conservação (salvação da alma)</i>
<i>Salvatore</i> (O Salvador)	aquele que salva	<i>Jesus Cristo, que salva os homens, redimindo-os de seus pecados</i>
<i>orare</i> (orar)	falar, dizer	<i>falar com Deus ou com os santos (para agradecer, pedir, louvar)</i>

Conclusão

Embora a expressão ‘neologismo’ nos dê a impressão de uma palavra exótica, que causa uma certa estranheza ao usuário da língua, vimos que, na verdade, é qualquer palavra recém-criada que entra em uso num idioma.

As palavras são criadas para atender a necessidades novas. Por exemplo, quando a televisão foi inventada, foi preciso criar um nome para ela. A partir do novo substantivo – *televisão*, outras palavras foram criadas, como os verbos *televisar* e *televisonar*, os adjetivos *televisivo*, *televisado* e *televisonado* e outros substantivos, como *televisor*, *televisora*, *televisonamento*. Todas essas palavras foram incorporadas à língua, não mais causando estranheza aos usuários e deixando de ser consideradas neologismo. Algumas outras, no entanto, não tendo seu uso largamente difundido, continuam causando estranheza, como é o caso de *televisinho* (“Indivíduo que assiste frequentemente a programas de televisão em casa de vizinhos, por não possuir televisor”⁹) ou *telever* (“assistir [a algo] pela televisão”¹⁰).

No caso do latim, vimos várias palavras derivadas e compostas, palavras cujo sentido foi modificado, empréstimos e decalques enriquecendo e renovando a língua. Citamos ainda, como curiosidade, o verbo latino *comedĕre* (comer), que foi um neologismo do latim vulgar. Por mais espantoso que possa nos parecer o fato de o verbo *comer* já ter sido um neologismo, essa é a verdade. O verbo original era *edĕre*, que passou a agregar a preposição *cum* (com), porque as pessoas costumavam comer acompanhadas.

Esperamos que o trabalho aqui apresentado possa despertar a curiosidade do leitor em relação à língua latina, mãe de nossa e de várias outras línguas.

Referências

- AGUIAR, Mendes de e RIBEIRO, Gomes. *Gramática latina*. 3ªed. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1925.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- FIGUEIREDO, José Nunes de e ALMENDRA, Maria Ana. *Compêndio de gramática latina*. Porto: Porto, 1977.
- GIORDANI, Mário Curtis. *História de Roma*. Petrópolis: Vozes, s/ data.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.
- PEREIRA, Isidro. *Dicionário grego-português e português-grego*. 4ªed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1969.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-português*. 12ª ed. Belo

Horizonte: Garnier, 2006.
SOARES, João S. *Latim I - iniciação ao latim e à civilização romana*. 3ª ed.
Coimbra: Almedina, 1999.

Bibliografia de Apoio

VALENTE, André. *Produtividade lexical: criações neológicas*. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino e GAVAZZI, Sigrid (org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
_____. *Neologismos literários em romance de Mia Couto*. In: VALENTE, André (org.). *Língua portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.

Notas

- ¹ Esses processos serão abordados no item 2.
- ² Os etruscos dominaram Roma no século VI a. C.
- ³ Radical *-fac-*, que sofreu apofonia.
- ⁴ Alguns gramáticos consideram a aposição de prefixo como composição em vez de derivação, mas não entraremos no mérito dessa questão, por não ser relevante para este trabalho.
- ⁵ Substrato é uma “língua que em dado território foi substituída por outra, ger. do povo conquistador, deixando nesta traços perceptíveis.” (HOUAISS, 2001)
- ⁶ Essa aceção provavelmente se deu por analogia.
- ⁷ *Idem*.
- ⁸ **Verbos depoentes** são aqueles que apresentam forma passiva, mas que possuem significado ativo.
- ⁹ (HOUAISS, 2001).
- ¹⁰ *Idem*.

ECO ENARCISO
Prof. Dr. Amós Coelho da Silva (UERJ)

RESUMO:

Na Grécia, Eco, um ponto de encontro para múltiplos mitos etiológicos, porque esclarecem, por exemplo, a origem do eco, é a ninfa dos bosques e das fontes. Uma possível significação de ninfa é o seu vir a ser que é o próprio existir da natureza, já que morre e renasce, constantemente. De modo geral, as ninfas povoam os campos, os bosques e as águas. Ovídio (43 a. C. a 18 d. C.), nas *Metamorfoses*, nos dá uma versão do mito de Eco e Narciso, cuja etimologia é: *Narciso, do grego Νάρκισσος, (Nárkissos), - 'narke' significa "entorpecimento, torpor" (...) 'nárke', uma base etimológica de nossa palavra narcótico e toda uma vasta família com elemento 'narc-'. Liríope, ao dar à luz Narciso, consultou Tirésias, que dava para o povo respostas oraculares irrepreensíveis, sobre a felicidade futura da criança, o vate respondeu: "Si se non nouerit / uiderit, se ele não se conhecer / vir.*
Palavras-chave: Eco; Narciso; narcisismo.

1 – Introdução

Entre os maias, Eco é um dos atributos do grande deus ttoniano, o Jaguar. (CHEVALIER & GHEERBRANDT, 1994: ECO). É o jaguar elemento mítico emblemático da cultura maia e, em geral, dos índios da América do sul; esse atributo divino é o de ser um deus ctônio, relacionado às montanhas, aos animais selvagens, em especial, ao tapir, que é equivalente simbólico da serpente entre os maias (*Ibidem*), e, de modo curioso, ao *tambor*, cujo simbolismo está estreitamente vinculado à caverna, à gruta e à matriz. Concluindo com Junito Brandão (1987: 179): *Em síntese, o tambor é o "eco" sonoro da existência.*

Na Grécia, Eco, um ponto de encontro para múltiplos mitos etiológicos, porque esclarecem, por exemplo, a origem do eco, é a ninfa dos bosques e das fontes. Uma possível significação de ninfa é o seu vir a ser que é o próprio existir da natureza, já que morre e renasce, constantemente. De modo geral, as ninfas povoam os campos, os bosques e as águas. São a energia canalizada para uma eterna juventude, já que *não são imortais e vivem tanto quanto uma 'palmeira', ou seja, 'cerca de dez mil anos'* (BRANDÃO, 1991: NINFA) São classificadas como divindades menores, porque não têm moradia no Olimpo e conforme o *habitat*, temos como as Náíades, cujo nome “provém de ‘nân’, escorrer, correr”” (*Idem*: NÁIADES), são divindades das fontes e dos ribeiros; Nereidas, sufixo ‘-id-’, cuja forma plena é ‘-ides’, e denota patronímico, ou seja, ‘as filhas de Nereu’. Nereu tem o epíteto de “o velho do mar”, ‘hálios guéron’, ou ainda *Proteu, o primeiro*,